

Apresentação

Edson Santos Silva
(UNICENTRO – PR)

Renata Soares Junqueira
(UNESP, Araraquara – SP)

Reúnem-se neste auspicioso número de *Todas as Musas* – Revista de Literatura e das Múltiplas Linguagens da Arte – artigos constituintes do dossiê “Mulheres de Teatro”, que nos proporciona reflexões variadas, de grande interesse, sobre a atuação de mulheres em teatro nos últimos cem anos, quer como dramaturgas e atrizes, quer como críticas de teatro, sobretudo no Brasil, mas também no exterior, compondo um quadro de produções bastante significativas desde o modernismo, com destaque para figuras de proa como Patrícia Galvão (1910-1962) – a Pagú – no Brasil e Susan Glaspell (1876-1948) nos Estados Unidos, até obras contemporâneas, já pertinentes ao século XXI, passando por dramaturgas de produção relevante no Brasil ditatorial das décadas de 1960 e 1970, como foram a mineira Consuelo de Castro (1946-2016) e a paulista Leilah Assumpção (n. 1943).

O volume inaugura-se com o artigo seminal de Gilberto Figueiredo Martins, que traz resultados de pesquisa minuciosa sobre a atuação de Pagú como crítica de teatro destemida e valorosa, detendo-se nos seus escritos dos anos 60 – que antecederam, pois, a morte da

escritora, ocorrida em dezembro de 1962 – sobre o teatro de Gianfrancesco Guarnieri e Dias Gomes. Destacam-se, nesse artigo, o lato conhecimento que Pagú tinha do teatro brasileiro moderno – e não só do brasileiro –, a consistência dos seus argumentos críticos e a coragem de defrontar-se com críticos renomados como Décio de Almeida Prado e Sábato Magaldi.

Outra figura proeminente do teatro modernista, agora nos Estados Unidos, é contemplada pelo artigo seguinte. Rosemary Finatti perscruta figurações do feminino na peça *O limiar* (1921), de Susan Glaspell, salientando, através de uma análise da simbologia das flores, a subversão feminista da protagonista e a crítica da dramaturga aos papéis sociais impostos às mulheres pelo patriarcado.

Depois, avançando pelo século XX e adentrando já na dramaturgia brasileira composta em tempos de ditadura, temos o artigo de Daniela de Castro Lima sobre a peça de Leilah Assumpção, *Fala baixo, senão eu grito* (1969). A autora também lança luz sobre objetos cênicos que representam o espectro opressor da família patriarcal burguesa como espelhamento do regime ditatorial instaurado no Brasil em 1964 e recrudescente em 1969, após o Ato Institucional n. 5 decretado no governo de Arthur da Costa e Silva.

Segue o texto de Mariana de Oliveira Arantes sobre a peça *Caminho de volta* (1974), de Consuelo de Castro, também lançando luz sobre a importância da construção do espaço dramático na efabulação do drama, que denuncia o embuste do “milagre econômico” no Brasil do truculento general Ernesto Geisel. Salienta-se, na análise, o papel de Marisa, a personagem feminina da peça.

Em seguida, Margarida Gandara Rauen articula as suas reflexões sobre a peça *Des-Medéia* (1995), de Denise Stoklos, identificando

uma poética pós-colonial na recriação que a dramaturga, encenadora e atriz paranaense faz da trágica protagonista.

Na sequência, Ruth Bohunovsky e Tassia Kleine iluminam a atuação da austríaca Elfriede Jelinek (n. 1946) – Prêmio Nobel de Literatura em 2004 – como dramaturga, desvendando na sua peça *Bambiland* (2003) procedimentos de colagem que servem ao seu propósito (pessimista) de desmascarar a intervenção deformadora das mídias na nossa percepção de acontecimentos políticos em escala global.

A peça *Anjos de Caramelada* (2008), da potiguar Lourdes Ramalho (1920-2019), é esquadrinhada em seguida pelas lentes de Leandro de Sousa Almeida e Valéria Andrade, que mostram como a dramaturga contrapõe à distopia da desigualdade de gêneros um devir utópico em que as mulheres se elevam como figuras soberanas.

Vêm depois os resultados da atualíssima pesquisa de Sonia Pascolati, que se dedicou a entrevistar e ponderar os processos criativos de atrizes-autoras da cidade de Londrina: Carol Ribeiro, Chris Vianna, Laura Franchi, Maíra Kodama, Marina Stuchi, Naomi Freire, Rafaela Martins e Raquel Sant’Anna são contempladas nesta oportunidade.

O dossiê encerra-se com o artigo em que Larissa Ribeiro estabelece relações entre monólogos, diálogos e a participação dos espectadores na peça *Mère Prison* (2021), da jovem guianense Emmelyne Octavie (n.1986).

Oxalá os textos aqui reunidos inspirem novas buscas, novas pesquisas que também contribuam para que se viabilize, como realidade plena, o devir aparentemente utópico em que todas as mulheres sejam, de fato, postas em pé de igualdade com os homens.